



Figura 58 – Fotografia Silvio Robatto
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Segundo Lia Robatto⁷³, o artista nasceu em um ambiente onde a fotografia tinha um grande significado. Em um dos seus cadernos de conto, ele narra a história de seu avô paterno, Alexandre Robatto, que na passagem do século XIX para o XX comprou uma máquina fotográfica em Paris e quando voltou a Salvador se estabeleceu como fotógrafo. Numa ocasião, Alexandre Robatto foi a Saubara⁷⁴ fotografar um noivado e acabou se apaixonando pela noiva, que logo depois terminou o compromisso para se casar com ele.

Desde muito jovem Silvio Robatto demonstrou o desejo de possuir uma câmera fotográfica e seu pai, Alexandre Robatto Filho (1908-1981), que era dentista e pioneiro do cinema na Bahia, fez um trato em presentear-lo com o equipamento somente quando ele aprendesse a revelar na câmara escura. Robatto aprendeu depressa e logo no colégio em que estudava passou a oferecer aos colegas seus serviços fotográficos. Em seguida, ele começou a fotografar os *making of* dos filmes que o pai dirigia, a exemplo do documentário intitulado *Vadiação*⁷⁵, em 1954.

Ainda estudante de arquitetura, em 1957, ele apresentou uma exposição de fotografia sobre a arquitetura brasileira, patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores, que percorreu

⁷³ Em entrevista para este trabalho. Lia Robatto é coreógrafa e foi esposa de Silvio Robatto.

⁷⁴ Saubara, município no recôncavo baiano.

⁷⁵ Sobre *Vadiação*, vê SETARO, André; HUMBERTO, José. *Alexandre Robatto Filho: pioneiro do Cinema Baiano*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992.

diversos países da Europa. Em 1959, participou da Bienal de São Paulo com fotografias, em uma exposição sobre a Bahia organizada por Lina Bo Bardi. Nos meados da década de 1960, o artista já inovava, projetando suas imagens de detalhes da arquitetura barroca em espetáculos de dança de Lia Robatto.

Sobre esta ocasião, lembra Juarez Paraíso⁷⁶:

Silvio foi o primeiro a propagar e divulgar a Bahia com uma linguagem séria e muito bonita de fotografia, fez uma exposição incrível em São Paulo. Também o trabalho de hibridização da fotografia nos espetáculos de dança era fantástico. [...] ele trabalhava muito com a fotografia como referência e transformações de uma maneira dominadora [...]

Na década de 1970, Robatto, em parceria com Jamison Pedra, realiza o curta-metragem “O Forte”, patrocinado pelo Departamento de Cultura da Bahia. Durante 1976, foi diretor do Museu de Arte da Bahia e, na ocasião, mesmo sem recursos, promoveu coisas interessantes como uma exposição fotográfica com imagens da África e da Bahia, conforme declarou Lia Robatto (2009). Ele foi também professor da Escola de Belas Artes e Arquitetura da UFBA.



Figura 59 – Comemoração 2 de Julho, década de 1960
Fotografia de Silvio Robatto
Fonte: Arquivo da Família Robatto

⁷⁶ Entrevista concedida para este trabalho em 17 de dezembro 2008.

Aberto a novas possibilidades de expressão, Silvio Robatto foi um dos primeiros a utilizar em suas imagens recursos digitais. Fotografava analogicamente e experimentava, modificando e interferindo em suas próprias fotos. Segundo a sua esposa Lia Robatto (2009), ele não gostava de fotografar em estúdio; sempre foi um fotógrafo que captava o olhar da cidade (Figura 59). Brincava com a granulação, fazia da mesma foto várias versões com efeitos diversos, acrescentava molduras (Figura 60) para destacar algum detalhe da imagem e partia de uma foto até chegar a um desenho abstrato.



Figura 60 – Comemoração 2 de Julho, década de 1990
Fotografia de Silvio Robatto
Fonte: Arquivo da Família Robatto

Observando a diversidade dos temas abordados na obra do fotógrafo e principalmente em seus cadernos inéditos, compostos por imagens e contos, é possível identificar o olhar livre, criativo e poético de Silvio Robatto.

Já Albérico Motta era professor da cadeira de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia. Ele começou a se interessar por fotografia em 1951. Ganhou o prêmio de segundo lugar no I Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea. Participava das atividades desenvolvidas pelo Foto Cine Clube da Bahia e também pelo Grupo Um de Fotografia. Declarava⁷⁷ ser influenciado pelos seguintes fotógrafos: Cartier-Bresson (1908-2008), Robert Capa (1913-1954), Irving Penn e Fernando Goldgaber.

⁷⁷ Fonte de informação catálogo do evento publicado na Revista GAM, 1968.

A fotografia de Motta na exposição mostrava um homem carregando uma criança nos ombros. A criança, com um laço nos cabelos, segurava na mão direita uma pequena bandeira do Brasil. Tudo indica que eles assistiam a um desfile cívico. Motta escolheu um enquadramento vertical e utilizou uma lente teleobjetiva, pois a cena está bastante aproximada. Sobre o conteúdo metafórico da imagem podemos associar a uma possível preocupação do fotógrafo com a realidade política que o Brasil se encontrava na época.

Trilhando um caminho inverso ao convencional, Lázaro Torres se aproximou da fotografia através do cinema. Em 1959, aos dezoito anos de idade, participou da equipe técnica da co-produção franco-brasileira “*Le tout pour Le tout*” e mais tarde, em 1964, escreveu argumento e roteiro, como também dirigiu o curta-metragem “Briga de Galo” (35 mm), premiado como melhor documentário no Festival de Nápoles, Itália. Foi assistente de direção em “Vida Por Vida”, fez o roteiro e dirigiu “Cidade dos Deuses”. Desiludido com a falta de incentivo para fazer cinema, recolheu-se um período para se dedicar à fotografia, época em participou do I e II Salão Bahiano da Fotografia Contemporânea, realizando a sua primeira exposição individual na galeria 114, em julho de 1968.



Figura 61 – Fotografia de Lázaro Torres
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Sobre sua foto no catálogo da exposição (Figura 61), Lázaro Torres relata⁷⁸: “Eu me deitei no chão da Castro Alves fazia um calor insuportável. Quando eu queria alguma coisa em arte eu era assim obstinado”. A imagem retrata uma mulher com um vestido esvoaçante de meias curtas e um sapato masculino, com óculos e chapéu, sendo flagrada no momento exato que

⁷⁸ Em entrevista concedida para este trabalho em 14 de março 2009.

olhava para a câmera. A imagem foi feita na mesma localidade que a de Paulo Guimarães, no centro da cidade de Salvador, em uma subida que liga o trecho entre a Praça Castro Alves a Rua Chile. O enquadramento ousado centraliza o motivo aparentando o declive do lugar. A mulher fotografada era a “Mulher de Roxo”⁷⁹, que foi diversas vezes tema para as composições de Torres.

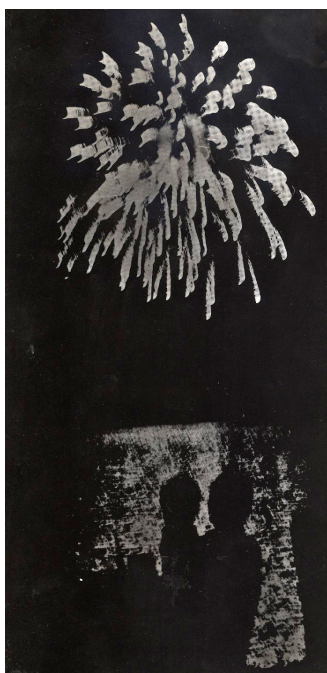


Figura 62 – Fotografia de Lázaro Torres
Fonte: Arquivo do autor, 1971

A partir das suas pesquisas de luzes suas fotos ganharam outra dimensão. Dos experimentos resultaram imagens que ele denominava como “relevo aparente”, obtidas por sobreposição de uma mesma imagem em negativo e positivo no momento da ampliação (Figura 62). Ele estudava os materiais alterando as fórmulas, substituindo químicos, modificando as cores das cópias através de banhos de viragem⁸⁰ (Figura 63). Estes artifícios produziam uma carga dramática às fotografias.

⁷⁹ “A Mulher de Roxo” é uma personagem lendária da cidade do Salvador, que costumava perambular no centro da cidade, conhecida principalmente pelas gerações de 1960 e 1970. Mais informações sobre ela podem ser encontradas no primeiro documentário do Projeto Cenas da Bahia, realizado pelo Pólo de Dramaturgia da Bahia, Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, 2004.

⁸⁰ Viragem é um processo de coloração das fotos preto e branco, através de banhos químicos sucessivos. In: ZUANETTI, Rosi; REAL, Elizabeth; MARTINS, Nelson. *Fotografia – O olhar, a técnica e o trabalho*. São Paulo: Senac, 2003.



Figura 63 – Fotografia de Lázaro Torres
Fonte: Arquivo do autor

Mesmo não desconhecendo a natureza da fotografia, de ser um fragmento da realidade, Torres sempre procurou mostrar em seus trabalhos uma visão subjetiva do mundo. Em declaração ao jornal *Diário de Notícias*, de 18 de abril 1971, por ocasião de uma de suas exposições de fotografias, ele declara que sua arte é uma tentativa de integrar a fotografia no mundo das artes plásticas e que ansiava ver as fotografias penduradas nas paredes das casas, coexistindo com xilogravuras, pinturas, desenhos e outras formas de manifestação artística.

Pierre Verger resumiu a obra de Torres da seguinte maneira, no *Tribuna da Bahia* (1971, p. 8):

Lázaro Torres, apesar de jovem, revela em sua arte um traço de originalidade marcante. Suas fotos se caracterizam por uma preocupação de composição e ângulos, de tomada de vista muito pessoal. Quase sempre em suas buscas persegue o insólito, efeito que ele reforça freqüentemente seja por meios de cópias muito contrastadas ou por meio de científicas “viragens”, donde resultam aplicações nas tonalidades mais imprevisíveis. Os assuntos que retêm sua atenção são os mais variados e vão desde “portraits” de Maria Bethânia e Caetano Veloso a “um petit-enfant” todo nu, sentado sobre a calçada, contemplando a catedral.

Ainda na década de 1970 o artista produziu o filme intitulado “Carrego de Omolu” (16 mm), depois dirigiu o departamento de fotografia do jornal *Tribuna da Bahia*, fotografou para *Revista Manchete* e se aposentou como fotógrafo da Prefeitura Municipal de Salvador. Hoje se dedica à literatura.

Outros integrantes da sala especial na II Bienal foi o Grupo Um de Fotografia, com três representantes. O grupo surgiu na segunda metade da década 1960, aleatoriamente com a finalidade de congregar o trabalho individual de vários fotógrafos amadores da Bahia. A equipe era composta por: Márcia Corrêa Ribeiro, Armando Corrêa Ribeiro, Luiz Júlio Ferreira, Albino Costa, Rubem Guelman, José Queiroz, Auter Raschovsky, Miguel Bartilotti,

Geraldo Machado, Antônio Carlos Mascarenhas, Jamison Pedra e Kabá Gaudenzi. (Revista GAM, 1968)

Segundo Kabá Gaudenzi⁸¹, as saídas para fotografar eram divididas em grupos, cada um com destino diferente. As reuniões não tinham um lugar fixo, às vezes no escritório de José Queiroz ou na casa de Armando Corrêa. A carência de cursos específicos na área era uma das razões para as pesquisas desenvolvidas e a troca de informações entre os participantes.

De acordo com Gaudenzi, eles sempre marcaram presença nos eventos artísticos da época. Não havia muitos espaços para exposições, os salões organizados pelo Foto Cine Clube da Bahia no foyer do TCA eram muito importantes. O grupo também expôs na Galeria Bazarte, mas era a arte de rua que mais os atraíam. Participaram da 1º Feira Baiana de Arte Moderna, em 1968, realizada no Jardim da Piedade, fruto de um projeto chamado “15 dias de arte”, que eram exposições itinerantes em várias faculdades da UFBA e que finalizou com uma semana de arte na Praça da Piedade. A feira era para todas as artes visuais e tinha um setor de fotografia. Lá, o Grupo Um teve uma barraca e começou a mostrar obras avançadas para época como foto objeto, cubos grandes que em cada face possuía uma fotografia, peças de tamanhos variados que ficavam penduradas com imagens em preto e branco e que poderiam ser manuseadas.

Sobre a 1º Feira Baiana de Arte Moderna, a historiadora da arte Maria Helena Flexor (2003, p.96) relata:

Era uma exposição de grande alcance que colocava o público em contato direto com o artista e sua obra. Os artistas participantes 48 ao todo distribuídos em vinte cinco barracas. Além da presença de músicos mostravam, também, as técnicas da fotografia.

Infelizmente, não existe nenhum registro sobre o evento acima citado, como também, grande parte do acervo de Gaudenzi foi perdido em um acidente doméstico. Ele afirma que o seu grupo tinha alguma coisa adiantada para a época e que quebrava os paradigmas estéticos. Quanto aos temas de suas fotos, relata que eram povo, rua, feira, existindo uma interferência na cópia, embora prevalecesse o caráter realista da imagem.

⁸¹ Declarações em entrevista para este trabalho, em 13 mar. 2009.

No início dos anos 1970s, Gaudenzi viaja para França com uma bolsa de estudos para estudar cinema e televisão, passando a lidar com fotografia no cinema, área que atua até hoje como produtor.

Sobre a imagem que compõe o catálogo da sala de fotografia representando o Grupo Um de fotografia, é de autoria de Jamison Pedra (Figura 64), conforme informa Gaudenzi.



Figura 64 – Fotografia de Jamison Pedra
Fonte: Catálogo, Revista GAM, 1968

Um senhor caminha na calçada com uma bengala, de chapéu, e demonstra ter uma aparência simples. Ao fundo, em grande dimensão, um outdoor mostra a imagem bastante aproximada de um jovem dentro de um carro olhando para o lado sorridente. Do lado esquerdo da imagem, o texto anuncia: “‘Espere um pouco mais.’ Rivelino”; abaixo do texto, aparece a logomarca de uma fábrica de carros. Trata-se de uma propaganda do novo modelo de uma marca de carro e o jovem ao volante é provavelmente um jogador de futebol da seleção brasileira. O olhar atento do fotógrafo apontou para uma cena que poderia ser banal, transformando-a em um testemunho de uma sociedade cheia de contrastes. Jamison Pedra é arquiteto. Nas artes plásticas e visuais, experimentou diversas linguagens desde o desenho, escultura, pintura, fotografia até o cinema. Para ele⁸², uma das peculiaridades do artista é estar sempre explorando novas técnicas e novos temas.

Sua trajetória nos salões de fotografia começou com o I Salão Bahiano de Fotografia Contemporânea, onde ganhou o primeiro lugar. Pedra era um frequentador assíduo do laboratório fotográfico no IAB, segundo o presidente do Foto Cine Clube da Bahia, José Mario P. Costa Pinto (2009).

⁸² Declarações feitas em entrevista para este trabalho em 17 de março de 2009.

Logo no início da década de 1970, ganhou o primeiro lugar em um concurso de fotografia na Revista Realidade, da Editora Abril. O prêmio foi uma câmera Leica e a imagem vencedora (Figura 65) foi capturada durante a entrega do presente de Yemanjá. Pedra (2009) conta que durante o percurso o mar estava muito agitado e que ele tinha guardado o equipamento em uma sacola impermeável, mas não teve coragem de fotografar. Quando estavam chegando às imediações da praia do Rio Vermelho, o pescador desligou o motor do barco e começou a remar com uma vara. Neste momento, o sol já estava se pondo e ele olhou o pescador, que mais parecia um guerreiro, e a força em seus músculos contrastando com a iluminação do fim do dia. Foi justamente nesta fração de segundos que ele capturou a imagem. De acordo com o artista, esta foto ganhou outra dimensão quando foi utilizada pelo jornal Política Operária.



Figura 65 – Vencedora do Concurso Realidades, 1971
Fotografia de Jamison Pedra
Fonte: Arquivo do autor

Ainda neste período, ele era arquiteto do Departamento de Construção e Reparo do Estado da Bahia, estava sempre viajando para o interior do estado, procurando terreno para construir escolas; nas horas vagas, aproveitava para fotografar a cidade.

Pedra, em sua poética, acredita que as características artísticas de uma imagem devem corresponder aos elementos do design, à composição com ritmo, equilíbrio, proporção, sem deixar de ser documentação, valorizando o ser humano. Quando se fala de fotografia artística, não é só a câmera, não é só o registro, mas toda a influência do ambiente.

Para ele, a foto intitulada “A Velha Guerreira” (Figura 66) reflete o que ele busca na fotografia, a representação da pessoa ou do mito. Ele compara a imagem da velha sentada com um cajado na mão no meio de um paredão imenso, tomando sol, a um totem sagrado (PEDRA, 2009).



Figura 66 – A Velha Guerreira
Fotografia de Jamison Pedra
Fonte: Arquivo do autor

Também na década de 1970, Pedra participou da mostra “Fotografia Urbana” no Museu de Arte da Bahia, foi fotógrafo *freelancer* da Editora Abril e ganhou o 3º lugar em outro concurso de fotografia da Revista Realidade. Realizou um curta metragem⁸³ e outras exposições com escultura e pintura. No mesmo período, ingressa na Universidade Federal da Bahia como professor na Escola de Arquitetura e depois na Escola de Belas Artes⁸⁴.

Na década seguinte viaja para os Estados Unidos da América para cursar o mestrado em Fine Arts, na University of Cincinnati, Ohio, e posteriormente o doutorado em Arte Educação e Planejamento.

Ganhador de vários prêmios nas artes plásticas, Pedra hoje confessa se dedicar mais às pesquisas na arte computacional e pintura, mas afirma continuar fotografando. Concluindo, para ele, a técnica utilizada pelo artista para criar é em grande parte determinada pelo tempo

⁸³ O Curta- metragem “O Forte”, já citado.

⁸⁴ Cronologia cedida pelo artista, feita por Heloísa Prazeres em 19 de fevereiro de 2002.

disponível para a arte, pelo lugar, pelos materiais e pelas técnicas disponíveis. Esses fatores fundamentam o processo criativo. A ferramenta é a técnica e a arte é a criação durante o processo⁸⁵.

Lamentavelmente, logo depois de sua inauguração, a II Bienal Nacional de Artes da Bahia foi fechada pelo regime militar da época. Com algumas obras censuradas⁸⁶, a Bienal foi reaberta em 17 de janeiro de 1969, ficando em cartaz até 15 de fevereiro do mesmo ano. (COELHO, 1973, p.42).

A sala especial de fotografia na II Bienal Nacional de Arte da Bahia, assim como os Salões Bahianos de Fotografia Contemporânea, foi de fundamental importância para a propagação da fotografia no estado. Sobretudo, a participação de artistas que utilizaram a linguagem fotográfica como meio de expressão, pois estes exerceram grande influência na produção artística fotográfica nas décadas seguintes. Juarez Paraíso é um deles, que desde o primeiro Salão Bahiano de Fotografia Contemporânea esteve presente.

Quem incentivou muito a fotografia em salão foi Juarez Paraíso, que teve uma posição importante para o desenvolvimento da fotografia na Bahia. Se não fosse Juarez não tinha salão, bienal não tinha nada. Ele tem a visão da foto artística, aí você vê a qualidade do artista. (PEDRA, 2009)

Desde o início de sua carreira, Juarez Paraíso sempre se sobressaiu na área de criação, com o domínio de muitas técnicas. Aberto a novas formas de expressão artística, inseriu a fotografia em suas obras. Com uma temática ampla podemos encontrar na fotografia de Paraíso desde imagens puristas realizadas na década de 1960, com tendências vanguardistas (Figura 67), até imagens híbridas fruto de técnicas mistas.

No começo, o tema era muito importante, afirma o artista (PARAÍSO, 2008), mas sempre prevaleceu a imagem pela imagem, o melhor resultado plástico, composicional. Tudo isso foi consequência do seu longo aprendizado acadêmico junto a uma intensa experiência quanto às técnicas da arte moderna.

⁸⁵ PRAZERES, Heloisa. A arte de Jamison Pedra. Trajetória nas quatro décadas. *Revista da Bahia*. n.40. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, abril 2005.

⁸⁶ As obras censuradas pertenciam aos seguintes artistas: Lênio Braga, Antonio Manuel, Antônio Dias e Tereza Simões. (COELHO, 1973, p.42)



Figura 67 – Fotografia de Jurez Paraíso
Figuras, 1967
Fonte: PARAÍSO e FALCÃO (2006)

Ele comenta⁸⁷ ter experimentado em sua poética as diversas fases da história da fotografia: realista, pictórica, abstrata, sem câmera, montagem e, atualmente, a fotografia digital. A diferença é que a partir da década de 1970, com mais amadurecimento, o artista percebeu a importância do trabalho artístico, como forma de expressão, e passou a valorizar mais as idéias.

[...] desta forma realizei uma série de trabalhos sobre a religião, a justiça, o preconceito sexual, sobre a poluição (moral) e sobre a violência. Sempre procurei realizar trabalhos com características de fotografia, embora nunca tenha me preocupado com a sua diluição quando o trabalho torna-se híbrido, tecnicamente, pela interação com outras técnicas. (PARAÍSO, 2000).

Na XII Bienal de São Paulo, em 1973, Paraíso participou do evento com o conjunto de nove obras: cinco fotos-desenhos e quatro fotomontagens, na ocasião ele estava envolvido na realização de um projeto fotográfico composto por diferentes técnicas, montagens com negativos superpostos como também agregando desenho as fotografias. Esta técnica o artista denominou como “Fotodesign” (Figura 68), uma espécie de fotomontagem mais sofisticada, gráfica e cerebral⁸⁸.

⁸⁷ Entrevista concedida ao artista e crítico de arte Justino Marinho em 17 de fevereiro de 2000. O material consta em anexo.

⁸⁸ Entrevista concedida a artista plástica Márcia Magno em fevereiro de 2000. O material consta em anexo.



Figura 68 – Fotografia de Juarez Paraíso, Série Violência
Fotomontagem (*Fotodesign*). Dimensões variadas, 1982.
Fonte: PARAÍSO e FALCÃO (2006)

Juarez Marialva Tito Martins Paraíso é professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, foi Diretor da Escola de Belas Artes durante 1992 a 1996, começou a lecionar na Escola de Belas Artes e Arquitetura em 1956. Com a Escola ainda no Solar Jonathas Abott, montou um laboratório de fotografia para os alunos, introduzindo técnicas novas. Na década de 1980, em novo endereço, no Campus Universitário do Canela, à rua Araujo Pinho, visando dinamizar a disciplina fotografia, que passou a fazer parte dos currículos dos cursos de Desenho Industrial, Decoração, Desenho e Plástica, ele intermediou a vinda do professor Ailton José Oliveira Sampaio⁸⁹ para lecionar fotografia na Escola de Belas Artes. Na gestão da professora Márcia Magno (1988-1992), Paraíso ajudou na construção do projeto de criação para um Curso Superior de Fotografia, fato que provocou uma disputa com a Diretoria da Escola de Arquitetura, que também se mostrou interessada em cancelar o curso. Infelizmente, a idéia não foi desenvolvida devido aos custos elevados dos equipamentos. Igualmente neste espaço de tempo, coordenou os Salões Nacionais de Arte Fotográfica da Bahia, que veremos a seguir.

Paraíso possuiu uma coluna sobre artes plásticas no periódico Diário de Notícias, na década de 1960, e no período subsequente passou a escrever artigos para os jornais Tribuna da Bahia e A Tarde, estando a fotografia também presente como tema dos seus ensaios.

⁸⁹ Sampaio fazia parte do quadro de funcionários da antiga Escola de Biblioteconomia e Comunicação, chegou a ser até diretor desta Escola.

São inegáveis as contribuições de Juarez Paraíso para a fotografia na Bahia na elaboração aprimorada de sua obra fotográfica, marcada por uma admirável qualidade estética, que delineia a sua marca pessoal, tanto quanto suas iniciativas e articulação em difundir a fotografia no meio artístico.

2.7 Realidade Baiana a partir da década de 1970

No período entre 1940 a 1970 a capital baiana cresceu cinco vezes em população e apontava mudanças. O projeto de industrialização começou com a criação do Centro Industrial de Aratu e ganhou força com a implantação do Pólo Petroquímico, em Camaçari; com isso, a economia da cidade ganhou novas perspectivas. (LUDWIG, 1982, p.55). O setor fotográfico, por sua vez, cresceu criando novas oportunidades de desempenho profissional nos segmentos da fotografia publicitária e na foto-reportagem. A carência de cursos profissionalizantes e a consciência sobre a regulamentação da profissão eram assuntos que exigiam uma necessária reação.

Em decorrência desta situação surge, no final da década de 1970, o grupo de Fotógrafos da Bahia⁹⁰, que realizou algumas exposições entre 1978 e 1984, nomeadas como Fotobahia. Aristides Alves foi o idealizador do grupo⁹¹ e entre os participantes mais ativos constam os nomes de Célia Aguiar, Maria Sampaio, Adenor Gondim, Koká, Manu Dias, Rino Marconi, Isabel Govêa, Artur Ikishima, Antônio Saturnino, Antonio Olavo, Janduari Simões e Renato Marcelo. (FALCÓN, 2006, p.89).

O grupo desenvolveu atividades visando difundir temas como: direito autoral, regulamentação da profissão e aperfeiçoamento técnico. Organizaram exposições, cursos, debates e palestras. Segundo Sampaio (2009), a Escola de Belas Artes, por intermédio de Juarez Paraíso, sempre apoiou as iniciativas, colaborando com os seminários que lá eram realizados.

⁹⁰ O Grupo de Fotógrafos da Bahia tem um cunho mais relacionado à organização da categoria da profissão de fotógrafo, que foge ao escopo deste trabalho.

⁹¹ Segundo Maria Sampaio em entrevista para este trabalho.

Com a presença de profissionais ligados ao fotojornalismo, o Grupo de Fotógrafos da Bahia exerceu um papel muito importante na organização da categoria⁹².

Entre os integrantes, um destaque para Rino Marconi, que começou a fotografar em 1968 e, em seguida, integrou o Segundo Salão Bahiano de Fotografia Contemporânea. Em 1972, fez parte dos artistas selecionados para exposição “Bahia Década 70”, no Instituto Cultural Brasil Alemanha – ICBA. O trabalho consistia em negativos fotográficos e versos presos em uma armação de guarda-chuva, que segundo a crítica de arte Matilde Matos⁹³ era como se estivéssemos olhando para as radiografias da cidade.

Marconi ganhou o prêmio Leão Rozemberg⁹⁴ de fotografia, apresentou na Galeria Canizares um ensaio fotográfico, que transformou em um livro intitulado “O Dilúvio às Avesas” sobre o Rio São Francisco. Bastante atuante, ele teve seus trabalhos fotográficos expostos no IV Salão Nacional de Artes Plásticas do Rio de Janeiro e uma exposição na estação do metrô do Largo da Carioca no Rio do Janeiro com retratos de rostos anônimos em 3 x 4 cm. ampliados para o formato 24 x 30 cm. Ele trabalhou como fotojornalista para os seguintes jornais: Jornal da Bahia, Tribuna da Bahia, Jornal do Brasil e O Globo.

Marcone também foi mentor do projeto sócio- educativo Fotoviva, onde crianças e adolescentes carentes aprendiam a se expressar através da linguagem fotográfica. Ele confessa ter mudado a sua orientação profissional devido à experiência vivida neste projeto, hoje ele é terapeuta.

Na década de 1980, mais um acontecimento importante para a fotografia baiana foi a realização da I Bienal Fotobahia, que ocorreu de 8 a 30 de outubro de 1988 no Solar do Unhão. A Bienal era promovida pelo Núcleo de Fotografia da Fundação Cultural do Estado e exibiu os trabalhos fotográficos de 27 baianos. Seus organizadores pretendiam fazer a segunda edição do evento em âmbito nacional, mas com a saída de Maria Sampaio da direção do departamento o projeto não teve continuidade.

⁹² Sobre o Grupo de Fotógrafos da Bahia maiores informações em FALCÓN, Gustavo. A Fotografia na Bahia. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Funcultura; Asa Foto, 2006.

⁹³ Coluna “Página Quente” de Matilde Matos, Jornal da Bahia em 18 e 19 de junho de 1972

⁹⁴ O prêmio oferecido pelo Governo do Estado da Bahia foi associando a I Mostra Fotográfica da Bahia, em 1974.

2.8 Os Salões Nacionais de Arte Fotográfica da Bahia

Após vinte três anos do último salão nacional de fotografia a Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia voltou a promover um encontro de grande porte. Desta vez, sem a participação dos foto clubes, os salões reuniram durante quatro edições fotografias de representantes de diversos estados brasileiro. O projeto do Salão Nacional de Arte Fotográfica da Bahia era uma atividade de extensão de autoria de Márcia Magno, Diretora da EBA na ocasião. Os dois primeiros salões aconteceram na gestão de Magno, sendo os dois últimos na direção de Juarez Paraíso.

Os salões não ofereceram prêmios e a participação dos fotógrafos foi feita através de convite; as exposições aconteceram na Galeria Canizares, da Escola de Belas Artes. Devido ao espaço da galeria e a quantidade de participantes, as imagens eram apresentadas nos tamanho máximo de 50 x 60 cm, onde cada representante exibia uma fotografia que poderia ser coloridas ou em preto e branco. Quanto à composição, a organização da mostra partia do princípio de que o processo criativo fosse livre e eram admitidas todas as possibilidades criativas, a exemplo de montagens, tratamentos digitais etc. Os Salões não privilegiaram nenhuma tendência estilística da imagem, mostrando a diversidade de assuntos desde temas regionais, abstratos, cenas cotidianas, até retratos. Também sempre fez parte dos eventos uma programação composta por palestras, oficinas, seminários, cursos e debates sobre temas referentes à fotografia.

O Primeiro Salão Nacional de Arte Fotográfica da Bahia aconteceu durante 10 de março a 10 de abril de 1992, com a adesão de 60 fotógrafos, sendo em sua maioria 39 baianos. Representantes dos seguintes estados compuseram a mostra: Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. No Salão predominaram diversas técnicas e temáticas, e os integrantes procederam de diferentes especialidades da fotografia, a exemplo: publicidade, fotojornalismo, industrial, entre outras. Todos eram profissionais com grande experiência e currículos significativos⁹⁵.

⁹⁵ Catálogo do 1º Salão Nacional de Arte Fotográfica da Bahia, texto de Juarez Paraíso

Juarez Paraíso coordenou o evento e na seleção dos participantes os seguintes consultores⁹⁶ ajudaram na tarefa: Ana Lucia Uchoa Peixoto, Antonio Neto, Aristides Alves, Maria Sampaio, Saulo Kainuma e Sofia Olszewski Filha.

Na apresentação do catálogo da exposição, Magno declara que a proposta do Salão era livre do receituário fotográfico dos salões tradicionais e que um dos objetivos era concentrar fotógrafos de diversas áreas cujo denominador comum fosse à criatividade.

Na programação havia um seminário intitulado “Panorama na Arte Fotográfica na Bahia”, que promoveu uma série de debates na área da fotografia técnica industrial, publicitária, foto-reportagem e artística. Foram oferecidas as seguintes oficinas: Fazendo Audiovisual, com Claude Santos; Fotografia Inconvencional, por Ailton Sampaio; e Cuidados & Sugestões/Arquivo & Equipamento, monitoradas por Maria Sampaio e Célia Aguiar. Ademais, os Cursos Básico de Fotografia e Básico de Laboratórios foram ministrados por Aristides Alves e Antônio Agdo, respectivamente. Por fim, uma palestra com os professores Sofia Olszewski Filha e Juarez Paraíso sobre a fotografia na Bahia, sucedida com projeção e exposição de todos os cursos e oficinas desenvolvidas no evento, além de um espetáculo de música que encerrou as atividades⁹⁷.

Após o término da mostra na EBA, o Primeiro Salão Nacional de Arte Fotográfica seguiu para o Shopping Barra, onde foi apresentado para o grande público.

O Segundo Salão Nacional de Arte Fotográfica foi aberto em 23 de novembro de 1993 (Figura 69), ficando exatamente um mês em cartaz. Teve a participação do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia e da Aliança Francesa.

⁹⁶ Ana Lucia Uchoa Peixoto professora da EBA, Antonio Neto artista plástico, Aristides Alves fotojornalista integrante do Grupo de Fotógrafos da Bahia assim como Maria Sampaio, Saulo Kainuma fotógrafo publicitário e Sofia Olszewski Filha, professora da EBA e pesquisadora sobre fotografia.

⁹⁷ Jornal A Tarde, 2º Caderno, 11 mar. 1993, p. 1